

# A fotografia participativa em investigações sociais com jovens: dilemas e limitações do método Photovoice

*Fotografía participativa en investigaciones sociales con jóvenes: dilemas y limitaciones del método Photovoice*

Participatory photography in social research with young people: dilemmas and limitations of the Photovoice method

Daniel MEIRINHO

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, Brasil)*

danielmeirinho@hotmail.com

RESUMO: Parece inquestionável o interesse crescente que a imagem, seja ela estática ou em movimento, vem suscitando no meio acadêmico. Seja tomada enquanto objeto, utensílio de trabalho e veículo de transposição de conhecimento científico ou ainda como instrumento participativo de recolha de informações. Este texto se fundamenta na utilização da imagem fotográfica em investigações-ações participativas que envolvem grupos de jovens. A metodologia Photovoice é a base de fundamentação que argumenta a viabilidade e eficácia de processos visuais colaborativos em contextos juvenis, devido a importância da visualidade para as culturas juvenis. O capítulo apresenta uma reunião de experiências que comprovam particularmente que o *Photovoice* pode vir a ser um meio que cria oportunidades de expressão, refletindo em torno dos desafios e limitações em torno da sua aplicabilidade. O recorte social com grupos juvenis possibilita-os participar ativamente das investigações acadêmicas como agentes sociais, através do potencial colaborativo proporcionado pela metodologia.

*Palavras-chaves:* Fotografia participativa; Photovoice; jovens.

RESUMEN: Parece incuestionable el creciente interés que la imagen, ya sea estática o en movimiento, viene suscitando en el ámbito académico. Sea tomada como un objeto, utensilio de trabajo y vehículo transposición de conocimiento científico o aún como una herramienta participativa para la recopilación de informaciones. Este texto se fundamenta en el uso de la imagen fotográfica en las investigaciones-acción participativas que involucra grupos de jóvenes. La metodología Photovoice es la base

del fundamentación que sostiene que la viabilidad y la eficacia de los procesos visuales de colaborativos en contextos juveniles debido a la importancia de la visualidad de las culturas juveniles. El capítulo presenta una reunión de experiencias que atestan especialmente que el Photovoice puede llegar a ser un medio que crea oportunidades de expresión, reflexionando sobre los desafíos y limitaciones acerca de su aplicabilidad. El corte social con grupos de jóvenes permítelos participaren activamente en la investigación académica como agentes sociales, a través del potencial de colaboración que ofrece la metodología.

*Palabras clave:* Fotografía participativa; Photovoice; joven.

**ABSTRACT:** It seems unquestionable the growing interest that image, static or in movement, has been raising in the academic environment. Whether it is taken as an object, working tool and vehicle for the transposition of scientific knowledge or too as a participatory tool for collection information. This text is based on the use of the photographic image in participatory action research with young people groups. The Photovoice methodology is the basis of the foundation that argues the viability and effectiveness of collaborative visual processes in juvenile contexts, due to the importance of visuality for youth cultures. The Chapter presents a series of experiences that particularly demonstrate that Photovoice can be a medium that creates opportunities for expression, reflecting the dilemmas and limitations around your applicability. The social corpus with youth groups enables them to participate actively in academic researches as social agents through the collaborative potential provided by the methodology.

*Keywords:* Participatory photography; Photovoice; young people.

## 1. INTRODUÇÃO

**P**OSSIVELMENTE MAIS DO QUE em outros períodos históricos, a visualidade assume no quotidiano das sociedades ocidentais uma importância e centralidade que assentam não apenas na quantidade e diversidade de imagens que cada sujeito acede e produz, mas também nos seus diversos fins. A investigadora Ana Caetano (2008) reforçou a importância da cultura visual e afirmou que «a documentação imagética pessoal encontra-se hoje presente e plenamente integrada em praticamente todas as esferas da vida em sociedade» (2008, p. 3).

Em grande medida o mundo é catalogado e pensado visualmente devido à rapidez com que os novos dispositivos de captação imagética são introduzidos nos contextos de registo e simulação da realidade. Parte das imagens oriundas de processos físicos e químicos ou digitais é procedente do desenvolvimento científico e tecnológico que ocorreu no século XIX. O processo de disseminação científica acompanha esta tendência, quando pensamos que os meios de comunicação e as tecnologias visuais são hoje os principais impulsionadores desta dinâmica, tal como a impressão e a gravura o foram alguns séculos atrás.

A comunicação revela-se um dos territórios privilegiados para o desenvolvimento da visualidade científica, através das diversas produções mediáticas que são

trabalhadas e como objeto de análise reflexiva acadêmica (Ribeiro, 2005). É possível afirmarmos que a ciência, com as suas tecnologias e imagens, participa plenamente da cultura visual contemporânea, tendo contribuído muito para as características que nos fazem reconhecê-la atualmente através dos seus padrões estéticos e simbólicos (Campos, 2007).

A ciência produz imagens sob diferentes formatos que a auxiliam na tarefa de conhecer e refletir o mundo, ultrapassando as áreas artísticas e chegando ao campo das humanidades, da saúde e da tecnologia. Por consequência lógica, estas imagens podem ser moldadas pelo olhar da ciência para forjar a normatização de um discurso em seu benefício. Ou seja, o olhar, as tecnologias de observação e registo visual estão historicamente circunscritos. Dependendo do contexto social, a forma como um indivíduo observa o mundo pode contribuir para um determinismo civilizacional (Sauvageot, 1994), onde as imagens podem servir como provas culturais e sociais de um povo ou momento histórico.

## 2. A IMAGEM FOTOGRÁFICA PELAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

A imagem é simultaneamente um objeto de fascínio, de desconfiança e de temor, seja no campo político, social ou campo acadêmico, manifestando uma apreensão singular perante o fenômeno. Não é de estranhar que as diferentes discussões e debates acerca do surgimento e expansão vertiginosa de meios como a televisão, o cinema ou até a Internet, tenham tido e continuem a ter ecos representativos no campo científico. A cada novo surgimento destes fenômenos comunicacionais, vários trabalhos e análises científicas surgem na academia.

A imagem proveniente destes circuitos tem sido dissecada, debatida, interpretada, sob diferentes perspectivas e orientações teóricas e metodológicas (Campos, 2007). O interesse que a imagem enquanto objeto de estudo desperta nos meios científicos corresponde, de certa forma, a uma necessidade de domesticação, dado o seu potencial subversivo e subjetivo. Esta domesticação pode ser pensada através do seu conhecimento, da sua dissecação, da categorização dos seus efeitos e da classificação dos seus receptores.

As tecnologias visuais têm vindo a afirmar-se como preciosos modelos auxiliares nas mais diversas áreas disciplinares. Enquanto ferramenta de trabalho e meio de transmissão de conhecimento são diversos os processos tecnológicos adotados. A fotografia ou o vídeo são alguns exemplos utilizados com o intuito de auxiliar os estudos académicos com a finalidade de enriquecer o conhecimento ou comunicar o saber acumulado.

Esta relação íntima entre imagem, visualidade e ciência vai consolidando o terreno para uma das mais importantes invenções tecnológicas da história recente da humanidade: a fotografia (Campos, 2007, p. 131).

A fotografia passou a ser, desde as suas origens, justificada e legitimada como uma tecnologia ao serviço da ciência. Fato que é comprovado pela sua rápida adoção em áreas distintas do conhecimento, particularmente na exploração de culturas e territórios longínquo e desconhecidos. Monique Sicard (2006), em sua obra *A Fábrica do Olhar – Imagens de Ciência e Aparelhos de Visão (Século XV-XX)* adiantou que entre 1839 e 1880 foram realizadas oficialmente cerca de 300 viagens fotográficas, por parte de franceses e ingleses. Isso sem contar com todos os exploradores, viajantes e cientistas que utilizaram o recurso visual de forma particular, sem registos formais.

Colocar a imagem fotográfica como um instrumento que iria favorecer a ciência implicava considerá-la um reflexo verossímil do real. Sua natureza mecânica assegurava uma exatidão até então desconhecida, fruto da concordância absoluta entre objeto e representação (Meirinho, 2013). Dela decorriam as suas principais qualidades: uma força documental e uma capacidade de comprovação que se opunha, de certo modo, à subjetividade e à idealização da arte, e que acabou por transformá-la num dos instrumentos privilegiados do século XIX. A análise da imagem que a academia do século XX viria impor à fotografia vai além da simples discussão do seu atestado de presença; passa para um questionamento que permeia a decomposição das estruturas simbólicas e do conteúdo que aquela carrega.

Basta referenciar o trabalho de análise das imagens fotográficas por uma geração de antropólogos coletadas por fotógrafos viajantes, missionários, comerciantes e exploradores no período colonial. Os acadêmicos, em seus gabinetes, em contato com esse testemunho fotográfico utilizaram o recurso fotográfico como documento. Apesar de a visão destes povos e espaços ser fruto de interpretações pouco embasadas no conhecimento do campo, e restrita aos limites técnicos da escolha do enquadramento dado pelos fotógrafos, alguns cientistas viram nessa prática a possibilidade de estudo da natureza e do homem. Para a ciência, desde o princípio a fotografia apresenta um uso pragmático. O advento da fotografia favoreceu uma mudança na percepção científica devido ao seu caráter técnico e suas possibilidades de expressão visual.

No entanto nem todas as correntes científicas reconheciam a fotografia como uma ferramenta vantajosa e como um instrumento metodológico na investigação acadêmica. Bourdieu *et al.* (1965) explicam que a acessibilidade da população, em termos técnicos, à fotografia vem desvalorizar a imagem fotográfica como uma representação legítima da realidade. Outro aspecto é que as Ciências Sociais, através de procedimentos metodológicos analíticos, buscam, por vezes, uma objetividade que a imagem fotográfica pode não vir a possuir.

Apesar de concordarmos que a fotografia apresenta visões, perspectivas e esquemas de percepção dos seus criadores, pensamos que estas se podem tornar elementos muito subjetivos enquanto instrumentos de análise. Contudo, ao mesmo momento que refletimos a desconfiança direcionada para a utilização da fotografia em estudos científicos, esquecemos de nos questionar se a informação recolhida através do discurso direto é dotada de objetividade e veracidade plena. A subjetividade e a distorção dos dados para o benefício da investigação podem ser adquiridas tanto no uso de recursos visuais

como textuais e orais (Collier, 2001; Pink, 2006). Mesmo com toda a discussão sobre a veracidade da imagem fotográfica, a utilização da fotografia como metodologia visual está em clara expansão. Este desenvolvimento deve-se a Antropologia Visual e a Sociologia Visual que se utilizam da imagem como complemento e recolha de informações de indivíduos e grupos sociais.

Ricardo Campos (2007) defendeu uma distinção entre duas correntes de doutrinas epistemológicas que sancionam o emprego dos métodos visuais. O entendimento desses modelos é que vai ditar os formatos nos quais a imagem poderá vir a ser classificada e categorizada na investigação científica (Pink, 2006; Ruby, 1996; Banks, 2001; MacDougall, 1997). Para o autor, a primeira de tradição positivista/naturalista se contrapõe com uma segunda pós-positivista/colaborativa. «A abordagem científico-realista ou, se quisermos, naturalista (de tradição positivista), tem sido a dominante no campo da sociologia e antropologia visuais» (Campos, 2007, p. 249). Nesta, o dispositivo visual retrata o real sem distorção do mesmo, baseando o ato de captação da imagem como um vestígio do real. Como complementou o autor, «a tradição naturalista tende a apresentar-nos o mundo como transparente, ignorando o fato de existir um mediador que filtra a informação de acordo com fatores arbitrários que apenas ele domina» (2007, p. 249). Como o dispositivo carrega consigo o conceito de verdade e objetividade, a fotografia passa a ser compreendida como uma «testemunha ocular» que demanda uma confiança do observador, que se revela no dito popular: *as imagens não mentem*. Os esforços para a legitimação da imagem passam pela validação das suas características de objetividade e representatividade de um determinado real.

Contudo, pensamos que o estatuto ontológico da imagem fotográfica é sugerido pelo contexto em que ela foi captada, mais do que por uma natureza que não é discutida e está no cerne da sua essência. É com base nesta polémica, acerca da transparência e objetividade dos dispositivos visuais, que o pensamento pós-positivista de Campos (2007) foi fundamentado, em que o contexto social influencia a produção e o conteúdo imagético.

O resultado da captação não retrata apenas quem esteve na frente do dispositivo, mas quem o manuseou. Assim, a subjetividade se emerge através dos olhares de quem produz ciência e que o indivíduo é responsável pelos diversos entendimentos e construções sociais sobre o mundo em que vive. É nesta tomada de consciência que o modelo colaborativo vem a romper com a tradição positivista, em que o sujeito/cientista apresenta novas questões e análises, bem como um novo modelo de coleta e transmissão desse pensamento científico baseado na participação dos sujeitos pesquisados. A essência colaborativa pode potencializar algumas propriedades esquecidas na análise das imagens (MacDougall, 1997; Pink, 2006; Ruby, 1996) que vão além da compreensão estética para o entendimento dos códigos, símbolos e o potencial retórico que o recurso visual possui.

O cruzamento disciplinar e entendimento dos olhares que são impostos sobre um determinado contexto torna possíveis novas formas de análise e reflexão social. A câmara invisível utilizada por muitos cientistas passa a ser a câmara subjetiva, que

permite a investigação uma documentação mais precisa do contexto social. A Antropologia e Sociologia visuais são provenientes desta transdisciplinaridade e passam a nos proporcionar, de poucas décadas para cá, estudos que vão mais além e apontam uma nova mudança deste uso tradicional da fotografia na pesquisa social. «O modelo ideal sugere uma colaboração entre o sujeito e o investigador ao invés de um fluxo unidirecional de informações» (Harper, 1998, p. 35). Este formato colaborativo, onde se fundamenta este capítulo, posiciona a imagem fotográfica como um elemento que estabelece relações e diálogos entre os pesquisadores e os sujeitos estudados, proporcionando processos de mudança e representações diferenciados, em que ninguém melhor para representar a sua realidade e seus contextos do que os próprios interlocutores.

### 3. O PROCESSO COLABORATIVO VISUAL: A FOTOGRAFIA PARTICIPATIVA COMO ELEMENTO METODOLÓGICO

A fotografia há muito tempo tem sido utilizada com o intuito de documentar e chamar a atenção para as questões sociais. Tradicionalmente, as realidades sociais de contextos problemáticos são captadas por profissionais como documentaristas, jornalistas e fotógrafos. Neste sentido, o carácter profissional é que legitima e credibiliza a representação visual. Contudo, o universo representado nas imagens fotográficas é apresentado, muitas vezes, a partir do ponto de vista de um agente externo e suas escolhas são influenciadas pelos seus repertórios pessoais que podem não interagir com os contextos ou indivíduos fotografados (Meirinho, 2013). Ao desconhecer uma determinada realidade, ou pelo simples fato de estar fora de um determinado contexto, o fotógrafo pode, ou não, distorcer a carga informativa que a imagem fotográfica possui. Mesmo que essa manipulação não seja propositada.

Como dito anteriormente, as Ciências Sociais e Humanas têm desenvolvido uma gama de técnicas para permitir que membros de um determinado contexto social possam contar suas próprias histórias, através de meios audiovisuais (Harrison, 2002; Ramella e Olmos, 2005). A partilha de conhecimento reflete uma «compreensão intuitiva do significado do meio onde vivem e conseqüentemente repercute imagens do seu mundo através de uma linguagem não-verbal» (Heron, 1996, p. 33) que a fotografia proporciona.

Para os investigadores, o modelo alarga as perspectivas analíticas das investigações e para os participantes, os benefícios do uso de metodologias visuais colaborativas incluem a validação do repertório de vida e conhecimento local (Spielman, 2001), novas perspectivas sobre de si próprios e sua situação (McIntyre, 2003), aumento da autoestima (Ewald, 2001; Lykes *et al.*, 2003), reforço a equidade de gênero (Lykes *et al.*, 2003), reconhecimento e reflexão enquanto grupo (Lykes *et al.*, 2003) e defesa coletiva direcionada para a mudança social (McAllister *et al.*, 2005; Wang e Redwood-Jones, 2001).

Diferentes terminologias são utilizadas por distintos autores que descrevem este tipo de investigação-ação. Essas variam de *imagebased research*, denominada por Prosser

(1998), a métodos visuais (Banks, 2001) ou metodologias visuais (Rose, 2001). A recolha e análise de dados baseados na imagem fotográfica participativa têm sido notavelmente utilizadas em estudos sociais, antropológicos e etnográficos. Contudo, são geralmente complementares a outros métodos mais tradicionais (Prosser, 1998). Estudos demonstram o crescimento do uso da fotografia como ferramenta metodológica (Punch, 1998). No entanto, as imagens fotográficas ainda são subutilizadas (Bolton *et al.*, 2001) e ainda são escassos os casos que aparecem como único objeto central de análise. Um largo corpo de investigação, numa variedade de áreas e contextos, existe e indica a eficácia desta metodologia (Wang e Pies, 2004; Wilson *et al.*, 2007).

A fotografia participativa tem vindo a se tornar uma importante subdivisão das *Participatory Action Researches* (PAR). Isso porque passa a integrar à investigação empírica um processo de aprendizagem colaborativa, sedimentando a possibilidade de beneficiar grupos sociais especialmente que estão fora da discussão e formulação das políticas públicas que os afetam (Greenwood e Levin, 1998). A metodologia visual incorpora ao modelo participativo um duplo objetivo, de ação e investigação, no sentido de obter resultados em ambas as vertentes. As ações voltadas a mudanças e transformações pessoais e coletivas num determinado contexto possuem a finalidade de ampliar o entendimento, por parte dos investigadores, das relações sociais, culturais e comunitárias e entre os seus membros. Especificamente o método, quando bem implementado, possui o poder de ativar os benefícios práticos centrados no conhecimento experiencial para a cooperação na investigação (Heron, 1996).

A imagem pode revelar aspetos e perspectivas que poderiam não ser aparentemente tão visíveis em outras metodologias aplicadas à contextos sociais. Sobre os benefícios e vantagens para os pesquisadores e participantes de uma investigação participativa visual, Esther Prins (2010), salientou a amplitude que a imagem fotográfica pode oferecer. «Os participantes representam visualmente suas experiências (apresentando saberes), enquanto também aprendem a tirar fotografias (saber prático), interagindo de diferentes maneiras com pessoas distintas (saber experimental) e desenvolvendo novas compreensões conceituais (saber proposicional)» (Prins, 2010, p. 428).

Ao pensarmos em estudos participativos com jovens, objeto deste texto, o método visual pode ser encarado como um instrumento estratégico e precioso pela possibilidade de proporcionar aos adolescentes a oportunidade de discutir as suas representações visuais a partir das suas experiências. A estratégia pensada passa pela noção cooperativa entre os investigadores e o público juvenil. Neste caso, o método visual serve-nos como meio atrativo de envolver ativamente os participantes no processo de pesquisa. O seu envolvimento passa a ser uma estratégia de participação, desconstruindo as disparidades de estatuto e de poder entre os jovens envolvidos e os adultos.

Iremos nos alicerçar especificamente nos conceitos da metodologia participativa conhecida como *Photovoice*. Neste método, a fotografia é o instrumento para «representação de perspectivas daqueles que levam uma vida diferente dos meios que tradicionalmente possuem o controle das imagens do mundo» (Wang, 2006, p. 154). Segundo Manuel Sarmiento *et al.* (2004), a fotografia na investigação participativa

serve como uma alternativa ao registo escrito, o qual, por si só, promove por vezes a exclusão dos jovens como informantes e até mesmo como investigadores válidos, no caso das pesquisas colaborativas. «Encará-los como competentes para o manuseamento de equipamentos de registo em fotografia é uma atitude indispensável para poderem documentar e tornar visíveis as suas representações acerca do mundo que os rodeia» (2004, p. 13).

Ao pensarmos em jovens, o recurso passa a ser uma estratégia que supera as suas limitações de expressão por forma textual. Desta forma é proporcionada uma ferramenta adicional que facilita aos jovens um modelo diferente para articulação das suas experiências pessoais e desta forma contribui para uma reflexão mais detalhada das suas relações e perfis identitários.

A fotografia pode ser vista nos estudos de investigação-ação participativos como um instrumento catalisador de mudanças, justificado através da dupla função que a imagem fotográfica pode assumir: como expressão criativa visual ou como um meio de retratação de realidades e contextos. Seu relativo baixo custo e facilidade de divulgação possibilitam o compartilhamento e potencialização de diálogos, facilitando que as discussões ultrapassem as barreiras culturais e linguísticas de cada contexto.

#### 4. O MÉTODO *PHOTOVOICE* E O MODELO PARTICIPATIVO VISUAL

No início dos anos 90, Caroline Wang, professora e investigadora da Escola de Saúde Pública da Universidade de Michigan, e Mary Ann Burris, investigadora associada da Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres, desenvolveram, em parceria, uma abordagem teórica e metodológica para projetos de investigação-ação participativos que chamaram de *Photovoice* (Wang, 1999). O método se propõe a inserir no processo investigativo atividades de base comunitária com a finalidade de capacitar em conjunto membros de grupos sociais no intuito de «identificar, representar e reforçar os recursos das suas comunidades através de técnicas e representações fotográficas» (Wang & Burris, 1997, p. 369). A fotografia passa a ser um suporte e ferramenta de trabalho «que serve como instrumento para criar relações, informar e organizar indivíduos da comunidade, permitindo-lhes dar prioridade às suas preocupações e discutir seus problemas e soluções coletivamente, através dos enquadramentos visuais» (1997, p. 370).

Com base no conceito criado pelas autoras, anteriormente chamado de *Photo Novella*, a «voz» no *Photovoice* é compreendida como um acrónimo para *Voicing Our Individual and Collective Experience*<sup>1</sup>. Este é usado durante as discussões orientadas para estimular os participantes a «refletirem sobre suas próprias condições de vida, mas também no sentido de partilhar as suas experiências» (Palibroda *et al.*, 2009, p. 6). De acordo com o *Practical Guide to Photovoice* (2009), a ideia é fundamentada na utilização

<sup>1</sup> «Expressando nossas experiências individuais e coletivas» (tradução livre).

pelos indivíduos de diferentes formas de imagens e palavras para expressar o que necessitam, o que se preocupam, o que têm medo, estimam e sonham. (Palibroda *et al.*, 2009). Uma das finalidades do método é o «acesso aos mundos das outras pessoas para que esses mundos se tornem acessíveis» (Booth & Booth, 2003, p. 431), tanto para outros grupos de indivíduos, quanto para as investigações sociais.

O *Photovoice* foi criado com base na promoção da saúde pública, desenvolvimento comunitário e educação; suas primeiras aplicações compunham essa tríade (Wang & Burris, 1997). Só com o passar dos anos, outras questões mais voltadas ao campo social, cultural e identitário foram acrescentadas aos estudos que utilizavam este método. Com a ampliação deste campo de atuação, a metodologia passou a ser frequentemente aplicada à grupos sociais específicos como mulheres, idoso, portadores com deficiência e com populações minoritárias em contextos de vulnerabilidade e exclusão, propondo-se a apontar caminhos e pontos de reflexão sobre as circunstâncias que envolvem seus membros na esperança de melhorias futuras, num processo de incidência política e *advocacy* (Goodhart, *et al.*, 2006).

O método é fortemente influenciado pelos resultados dos estudos *community-based participatory research* dos investigadores Nina Wallerstein e Bernstein Edward (1988). A fundamentação do processo é construída a partir dos princípios inerentes à fotografia documental, à teoria feminista e aos estudos da educação para a consciência crítica, do pedagogo Paulo Freire (Wallerstein & Bernstein, 1988; Wang & Burris, 1997). A primeira experiência de aplicação da metodologia foi realizada em 1994 num projeto de saúde sexual e reprodutiva com mulheres da província de Yunnan, na China. O objetivo do estudo, chamado *Empowerment through Photo Novella: Portraits of Participation* (Wang & Burris, 1994), foi utilizar as representações visuais para influenciar as políticas e programas que afetavam as mulheres do contexto rural (Wang & Burris, 1997).

A proposta metodológica, no campo dos estudos de saúde pública, aponta casos de sucesso em diferentes contextos e populações (Wang, 1999; Wang & Burris, 1997, 1994). Estes vão desde grupos de indivíduos sem-teto, a agentes comunitários de saúde, e professores de zonas rurais na África do Sul (De Lange, Mitchell & Stuart, 2008), sobreviventes de lesão cerebral (Lorenz, 2010). Tem sido aplicado ainda com grupos de organizações feministas e de direitos das mulheres (Lykes *et al.*, 2001; McIntyre, 2003).

Com jovens, o *Photovoice* tem sido utilizado em diferentes contextos e configurações: na avaliação de necessidades comunitárias, em relações intergeracionais entre adultos e jovens (Wang *et al.*, 2004), com populações de minorias étnicas (Streng *et al.*, 2004), entre outros distintos grupos juvenis (Ewald, 2001; McAllister *et al.*, 2005; Spielman, 2001). Através do interesse de autorrepresentação comunitária, o *Photovoice* se propõe a trazer perspectivas diferentes das que os meios sociais e midiáticos tradicionais desenvolvem. Os participantes são envolvidos nos processos de decisões de suas próprias políticas (Wang & Burris, 1997), neste sentido, sua estratégia

passa a ser bastante eficaz na resposta a questões e identificação de problemáticas levantadas à luz da sua própria autorrepresentação.

## 5. MAS PORQUÊ TRABALHAR A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE PARTICIPAÇÃO COM JOVENS?

Christensen e James (2000) apontavam que o método de investigação visual poderia ser um instrumento estratégico bastante valioso no trabalho com este grupo social por três aspetos: 1) no envolvimento e estímulo à participação; 2) na superação dos obstáculos referentes ao domínio textual e oral; e 3) as inúmeras dimensões de análise e usos terapêuticos nas investigações visuais.

O primeiro é que supera o nível de envolvimento e entusiasmo de participação, comparativamente às entrevistas convencionais. Desta forma, passamos a considerar que o método de pesquisa participativa visual (como a fotografia) pode colocar os jovens envolvidos no centro do processo de investigação-ação, cujas análises seriam realizadas através dos seus olhares e escolhas utilizadas para representar suas vidas e realidades (Wang, Burris & Ping, 1996). Conseguimos assim proporcionar-lhes a oportunidade de discutir as representações visuais dos seus quotidianos a partir das suas próprias experiências e olhares (Molloy, 2007). Para que estas representações particulares possam ser captadas, câmeras fotográficas são disponibilizadas aos jovens envolvidos, que participam dos encontros em que a fotografia é o elemento catalisador de debates e reflexões. Estas, por sua vez, levam a tensões entre significados fixos e interpretações abertas, entre o definitivo e o indeterminado. Para Kaplan, Lewis e Mumba (2007), «é dentro destas tensões que o poder de engajamento da fotografia toma vida» (2007, p. 25).

O segundo aspeto justificado por Christensen e James (2000) dá-se pela superação dos obstáculos e das capacidades dos participantes ao nível das limitações de alfabetização e domínio das formas de expressão escritas. Especialmente em contextos de risco e vulnerabilidade social estudos deflagram as problemáticas relativas à alfabetização deficiente ou da língua como características que podem criar relativas dificuldades na investigação nestes contextos (Allen, 2002). A proposta comunicativa visual proporcionada faculta uma ferramenta, em alguns casos criativa e inovadora, que possibilita aos jovens um modelo diferente de representarem e articularem as suas experiências e visões sobre as suas realidades (Hurworth, 2003).

O terceiro e último aspecto, que justifica um método de investigação visual, passa por estudos já concretizados sobre os «usos terapêuticos da fotografia», no campo da psicologia social. Nesta disciplina, as fotografias devem ser utilizadas como fontes importantes de informações sobre as histórias e experiências dos jovens participantes (Harper, 2002), aliada a diálogos sobre o processo de escolhas e produção da imagem (Lorenz, 2009). A partir das suas representações visuais é possível perceber quais as suas preocupações e o que consideram ser importante para si mesmos, revelando assim um pouco de suas personalidades e identidade.

## 6. O MÉTODO PHOTOVOICE APLICADO À JOVENS

O *Photovoice*, assim como alguns outros modelos de investigação participativa, possui um enfoque na ação. As informações e elementos de prova não são levantados com a intenção apenas de desenvolvimento de conhecimento; o intuito também passa pela ação para a mudança social. Embora o *Photovoice* esteja ligado e seja mais utilizado para levantar questões por vezes sérias e preocupantes para os membros da comunidade, o método incorpora elementos lúdicos, criatividade e colaboração num formato que alicerça a participação.

Para autores como Wilson *et al.* (2007), a componente da ação social do método com populações juvenis está cada vez mais presente. Enquanto diversos projetos usaram a fotografia como uma forma de promoção à voz dos participantes, pensamos que possibilitar aos jovens esta ferramenta tem aberto um importante espaço para que possamos ver as suas possibilidades de ação. Molloy (2007) complementou afirmando que tanto os facilitadores quanto os investigadores utilizam a técnica para «oferecer às diversas populações de indivíduos ‘oprimidos’ a oportunidade para tomar medidas sociais através de sensibilização da comunidade e dos decisores políticos» (2007, p. 39), como ferramenta de incidência política e transformação pessoal e coletiva.

Apesar do método ser ter uma utilização recente nas Ciências Sociais, já apresenta resultados positivos em investigações com jovens (por exemplo Strack *et al.*, 2004; Wilson, *et al.*, 2007). Sobre as questões ligadas aos estímulos a participação e ao reconhecimento identitário, Robert Strack (2004) mencionou que aprender a operar uma câmara e ser visualmente estimulado a fazer fotografias constrói uma autoestima nos jovens e melhora a autocompetência, ambos aspetos integrantes da construção do empoderamento.

A participação em atividades de fotografia participativa como o *Photovoice* pode ser uma ótima ferramenta para melhorar a construção de identidade, que é também um importante passo cognitivo sobre o percurso de engajamento social (Strack, 2004, p. 56).

A juventude pode ser analisada como um período de conflito e desenvolvimento identitário em que os jovens estão constantemente a moldar sua identidade pessoal (Erikson, 1968) relativamente às suas experiências sociais, sendo desafiados a iniciar um processo de formação de sua identidade coletiva. O desenvolvimento da identidade pessoal é principalmente uma luta interna na qual os jovens se esforçam para entender seus pontos fortes, habilidades, interesses, desejos e fraquezas. Neste sentido, consideramos que o desenvolvimento da identidade social desafia os jovens a olhar além deles próprios no sentido alargado da sociedade (Erikson, 1968; Youniss & Yates, 1997). Estes necessitam construir e confirmar suas habilidades, comentar sobre suas experiências e ideias e desenvolver uma moralidade social para se tornarem agentes ativos e participativos nas suas comunidades (Youniss & Yates, 1997).

Um processo de investigação-ação em *Photovoice* fornece aos jovens uma oportunidade de desenvolver sua identidade pessoal e coletiva e pode se transformar num instrumento fulcral na construção das suas competências sociais. Neste sentido, o método proporciona uma oportunidade para os jovens ganharem novas perspectivas sobre questões associadas à cultura, normas comunitárias, comportamentos, estrutura social e desejos na mesma conjuntura em que são incentivados a desenvolver uma compreensão de si próprios e de sua comunidade. Wang (2006) destacou que o «*Photovoice* oferece uma maneira ideal aos jovens para aproveitar o poder dessas funções para aprimorar seu bem-estar e o do meio em que vivem» (2006, p. 152).

Wang (2006) indica que o envolvimento de jovens no processo se beneficia ainda do seu desejo de exercer a autonomia e expressar sua criatividade enquanto documenta suas vidas. O método permite que os jovens – incluindo aqueles que são sub-representados, rotulados ou estigmatizados– defendam suas preocupações através de sua voz e experiências. A metodologia aumenta o controle dos jovens sobre a sua participação na investigação e chamam a atenção para questões importantes para eles que métodos não-participativos poderiam vir a desvalorizar (Streng *et al.*, 2004). Um exemplo é o argumento de Streng *et al.* (2004) destacou que que o *Photovoice* «oferece suporte aos jovens para compartilhar suas críticas e experiências com os decisores políticos e prestadores de serviços» (2004, p. 439).

Alguns projetos se debruçam na tentativa de reconhecer os desafios e sucessos que acarretam uma metodologia de investigação-ação participativa alicerçada nos recursos visuais com jovens. A imagem pode ser entendida como um modo dos jovens se apresentarem visualmente ao mundo, recorrendo a distintos elementos que passam a caracterizá-los, como o corpo, o vestuário e seus apetrechos diversos, objetos de consumo e produção de conteúdos que são indispensáveis para a sua organização simbólica e categorização social (Feixa, 2008).

## 7. DESAFIOS E LIMITAÇÕES DO MÉTODO *PHOTOVOICE* EM CONTEXTOS DE JUVENTUDE

O método *Photovoice* tem sido usado em diferentes contextos e populações com o objetivo de promover competências nos seus participantes para que possam representar suas realidades através de um formato de expressão visual. Como dito, técnica não necessita de equipamentos e formações complexas e como tal pode ser uma ferramenta poderosa e eficaz em contextos juvenis, possibilitando o desenvolvimento de literacias visuais. Por estes benefícios, a fotografia participativa vem a se firmar como um interessante instrumento de trabalho para investigadores sociais em estudos com grupos de diversos contextos sociais e culturais (Singhal *et al.*, 2007).

Embora a literatura sobre a temática enumere vantagens referentes ao método fotográfico participativo, é necessário precaver de alguns desafios e limitações apontados por estudos anteriores acerca da aplicabilidade do *Photovoice* em contextos de juventude (Lykes, *et al.*, 2003; McIntyre & Lykes, 2004; Wang & Redwood-Jones, 2001).

Como este texto se propõe a refletir acerca de um modelo colaborativo com jovens, torna-se necessário prever algumas dificuldades que podem vir a ser encontradas no trabalho empírico e que podem colocar esta pesquisa em uma «situação de vulnerabilidade devido a uma série de problemas éticos e metodológicos que necessitam ser previstos anteriormente» (Allen, 2002, p. 276).

Diversos estudos nos forneceram experiências, resultados e erros que demonstram que a fotografia participativa pode oferecer resultados inequívocos como qualquer outro instrumento de análise social (McAllister *et al.*, 2005; Spielman, 2001). A intervenção visual, quando não implementada corretamente, pode subestimar o conceito de participação e perpetuar ainda mais o binário estabelecido entre ‘silenciar’ e o ‘dar voz’ (Lykes *et al.*, 2003). Uma gama de desafios e limitações para o método *Photovoice* é levantada pelos mesmos autores que trabalham a sua aplicabilidade. Em seus primeiros trabalhos, Wang e Burris (1997) sublinharam a natureza política e da ação participativa para documentar questões comunitárias através da fotografia. Tal como acontece com qualquer ato interventivo social, as autoras apontaram a possibilidade dos riscos potenciais para os participantes e aqueles a quem são fotografados, tomando em conta os sendo riscos aliados a exposição de ideais e análises individuais de contextos particulares.

Os projetos que utilizam o método *Photovoice* necessitam refletir sobre alguns dilemas éticos como a invasão de privacidade através da divulgação de fatos embaraçosos sobre indivíduos (Wang & Burris, 1997). Neste sentido, os cuidados devem ser redobrados pois uma imagem pode representar falsamente uma realidade pelo seu produtor para favorecimento positivo, e também negativo, de uma causa comunitária (Wang & Redwood-Jones, 2001). Para atenuar esses riscos, é sugerido que «as atividades do *Photovoice* devam ser iniciadas com uma discussão ética e sobre o poder que a fotografia pode vir a ter» (Lykes *et al.*, 1999, p. 218). É necessário que os investigadores estejam atentos, se antecipem e prevejam a possibilidade de controvérsia e manipulação das imagens e dos discursos (Ewald, 2001).

Um outro ponto específico que merece atenção é a segurança do participante no processo de captação fotográfica, quanto aos riscos associados a fotografar atos ilegais ou indesejáveis (particularmente em relação ao uso e venda de drogas, trabalho sexual, armas, entre outros). Como apontou Vaughan (2011):

Tais temas levantam a discussão de casos em que os participantes podem potencialmente produzir ‘provas’ fotográficas que podem ser usadas contra aqueles que foram fotografados ou contra os próprios fotógrafos (Vaughan, 2011, p. 100).

Apesar de alguns participantes não perceberem ou identificarem situações constrangedoras ou até perigosas, é fundamental e de responsabilidade do investigador incentivar uma reflexão sobre o que é ou será captado. Como ocorre com os métodos de investigação tais como entrevistas e discussões em grupo, os participantes também podem evitar levantar temáticas específicas com o intuito de proteger os investigados

de uma exposição indesejada e de questões sensíveis que possam causar-lhes desconforto.

Em relação ao gênero, Williams e Lykes (2003) comentaram sobre a relutância das mulheres em alguns contextos específicos em que seus direitos são constantemente violados em participarem de forma mais efetiva e fotografarem, devido a uma estrutura machista em que o homem possui relações de poder bastante fortalecidas e de influência nos grupos de mulheres. Para Ewald (2001) os fotógrafos-participantes podem encontrar ainda hostilidade ou descobrir que suas fotografias criaram controvérsia entre o grupo e na comunidade (Ewald, 2001; Williams & Lykes, 2003). Essas percepções revelaram que tirar e exibir fotografias, incorporando histórias locais nas imagens, pode provocar um distúrbio na forma como os indivíduos se relacionam entre si e com o mundo exterior devido ao mergulho que é proporcionado pela captação, análise e reflexão das imagens.

No caso específico dos estudos com jovens, não são muitos os que expõem constrangimentos e problemáticas no uso deste método, especialmente em contextos de exclusão social e risco. Alguns observaram que o desejo de dar voz pode levar a uma aceitação acrítica das representações visuais dos jovens, sem perceber que o ato de «dar a voz» já é um posicionamento de poder do investigador sobre o jovem, pois este possui a voz especializada e detém as formas de poder, ofertando-as. Outra limitação é que o que não foi fotografado pode deixar de ser analisado e refletido (Hodgetts *et al.*, 2007). Em contraste, é necessário que a equipe de investigação reconheça e deixe que os participantes escolham livremente as histórias que desejam contar sobre si mesmos e sobre as suas comunidades. Esta liberdade de escolha passa a ser um elemento fundamental, pois determina como gostariam de ser vistos através do processo de decisão e não como os facilitadores da proposta queriam que eles fossem vistos.

A ausência ou o silêncio podem ser encontrados caso as temáticas direcionem os jovens para questões quase «infotografáveis». Wang e Pies (2004) destacaram que os tópicos podem ser suprimidos pelos participantes por duas formas. Ou porque eles não são importantes para suas vidas, ou porque o tema é difícil de se fotografar. Mesmo assim, como citamos a experiência de Paulo Freire no Peru, os jovens podem demonstrar uma grande criatividade para ilustrar questões delicadas e subjetivas de retratar ou na captura de questões sensíveis de forma compreensível (Singhal *et al.*, 2007).

Através de uma literatura que reporta as experiências de estudos *Photovoice* com jovens, verifica-se a importância de se ter repetidas oportunidades para tirar fotografias ao longo do tempo. O tempo de desenvolvimento das propostas e o espaço para a consideração e reflexão das imagens é fundamental para que as relações sejam mais fortalecidas e o investigador obtenha diversos pontos de vista sobre a mesma problemática ou recurso apresentados. Os jovens necessitam de experienciar e observar suas comunidades através do dispositivo fotográfico para que as possibilidades de análise pelos investigadores sejam multiplicadas.

O *Photovoice*, tal como acontece com outras técnicas de pesquisa participativa, envolve compromisso com a realidade de uma comunidade «deixando confusa as suas relações estruturais de dominação e subordinação» (Fraser, 1990, p. 65). «Enquanto o processo de investigação destina-se a apoiar um espaço social seguro para os jovens, onde eles podem negociar coletivamente e se autorrepresentarem para um público mais vasto, há o risco de o processo ser abalado pelas relações de poder existentes dentro da comunidade e dos grupos de jovens» (Vaughan, 2011, p. 103). Como destacou Minkler «o processo de organização comunitária, em si, pode servir mais para manter o ‘status quo’ do que para alterá-lo» (1978, p. 208). A própria participação e oportunidade de acesso aos equipamentos possibilitam nos participantes um estatuto privilegiado dentro dos contextos sociais.

Além de algumas limitações e barreiras de participação, o método visual participativo pode também proporcionar perspectivas e objetivos descontraídos para os participantes, investigadores e a comunidade. A proximidade das questões preocupantes da comunidade pode causar nos jovens sentimentos negativos e de desconforto. Os investigadores devem ter em conta que perdas, danos e roubos de equipamentos são possíveis riscos e que as considerações de ordem ética e consentimentos podem restringir a quantidade de representações fotográficas dos indivíduos que participam do universo comunitário.

Quando pensamos nos ganhos objetivos para a comunidade e as expectativas que um projeto deste gera, os resultados podem também não ser tão significativos para os seus membros quanto se espera (Palibroda *et al.*, 2009, p. 18).

Faz-se ainda necessário considerar desde o início dos projetos de investigação que utilizam a fotografia participativa, através do método *Photovoice*, enquanto metodologia a sensibilidade do investigador aos temas delicados no que toca as temáticas associadas à juventude e em essencial para gerir estes dilemas e lidar com os conflitos e constrangimentos que viriam a surgir na execução do trabalho empírico (McIntyre & Lykes, 2004). Consideramos a opinião de Pin (2010) quando mencionou que:

os investigadores devem ter a percepção que tirar fotografias ou fazer vídeos não garante aos participantes liberdade do controlo de influência para tomar suas próprias decisões e para contar qualquer história sobre eles próprios (Pin, 2001, p. 24).

Ao aplicar o método *Photovoice* nos contextos juvenis é indispensável um entendimento amplo do papel que os jovens exercem em suas comunidades, famílias e grupos de pares. Embora o *Photovoice* tenha uma grande utilidade como um método para o empoderamento social sugerido pela metodologia de uso da fotografia participativa, a grande maioria dos autores que utilizam e analisam o método reconhecem que não era a iniciativa que proporcionaria todas as mudanças pessoais e coletivas. O envolvimento num projeto de fotografia participativa pode levar a algum protagonismo, mas torna-se fundamental ter em conta os constrangimentos. Tal situação pode reverter as relações de poder e promover uma desmobilização ao invés de uma ordenação para algumas transformações.

## 8. CONCLUSÕES

As investigações nas Ciências Sociais e Humanas cada vez mais seguem o fluxo dos estudos científicos que utilizam a imagem fotográfica como instrumento de reflexão dos contextos sociais, assumindo assim novas funções sociais para a fotografia e considerando diferentes pontos de vista dos usos que a visualidade pode vir ter.

Neste trabalho partimos do questionamento da metodologia em que as câmeras são apropriadas pelos participantes com a finalidade de analisar as imagens e de extrair uma série de conclusões sobre as formas de representação através do meio fotográfico. Após uma conceitualização e reflexão da fotografia participativa e do método *Photovoice* nas populações juvenis, fundamentamos o potencial das representações visuais em contextos de juventude. A fotografia participativa pode ser utilizada como uma ferramenta útil no estudo e entendimento da identidade e no desenvolvimento das competências pessoais e habilidades técnicas adquiridas e associadas à participação de jovens em projetos que utilizam-se de metodologias participativas visuais. A partir da percepção de que «a imagem pode gerar dados mais autênticos, pois permite os investigadores olharem para o mundo dos jovens participantes através dos seus próprios olhos» (Noland, 2006, p. 2), a fotografia oferece aos participantes um espaço para reflexão de sua identidade, possibilitando por parte dos investigadores uma maior compreensão dos envolvidos sobre suas realidades e estrutura identitária, aprofundando as oportunidades de análise dos contextos sociais e das relações.

Ainda há muito a ser explorado relativamente às diferenças importantes na forma como o *Photovoice* pode ser mais eficazmente adaptado e usado em diversos contextos e públicos participantes. A aplicabilidade de projetos de investigação social que utilizam a fotografia participativa expressa uma conexão legítima com o desenvolvimento de uma consciência crítica nos envolvidos, tal como aludiu Paulo Freire (1970), através de um modelo de aprendizagem dialógico e fundamentado na experiência dos participantes. Acreditamos que elementos visuais criativos e participativos desempenham um papel chave na reflexão sobre suas próprias experiências, clarificação, articulação dos descontentamentos e a elaboração de soluções para uma investigação-ação com enfoque na intervenção social.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, D. (2002). Research Involving Vulnerable Young People: A Discussion of Ethical and Methodological Concerns. *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 9(2), 275-283.
- BANKS, M. (2001). *Visual methods in social research*. Londres: Sage.
- BOLTON, A., POLE, C., & MIZEN, P. (2001). Picture this: researching child workers. *Sociology*, 35(2), 501-518.
- BOURDIEU, P. (1965). La définition sociale de la photographie. In P. BOURDIEU, L. BOLTANSKI, R. CASTEL & J. CHAMBOREDON (Eds.), *Un Art Moyen: Essai sur les Usages Sociaux de la Photographie* (pp. 31-138). Paris: Les Éditions de Minuit.
- CAETANO, A. (2008). Sociologia e fotografia. Retrato sociológico do estado da relação em Portugal. *CIES-ISCTE e-Working Paper* (48).

- CAMPOS, R. (2007). *Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano*. Universidade Aberta de Lisboa, Lisboa.
- CHRISTENSEN, P., & JAMES, A. (2000). *Research with children: Perspectives and practices*. Londres e Nova York: Falmer Press.
- COLLIER, M. (2001). Approaches to analysis in visual anthropology. In T. v. LEEUWEN & C. JEWIT (Eds.), *Handbook of visual analysis*. Londres: Sage
- DE LANGE, N., MITCHELL, C., & STUART, J. (Eds.). (2008). *Putting people in the picture: Visual methodologies for social change*. Amsterdam: Sense.
- ERIKSON, E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. Nova York: Norton.
- EWALD, W. (2001). *I Wanna Take Me a Picture: Teaching Photography and Writing to Children*. Boston: Beacon Press.
- FEIXA, C., & PORZIO, L. (2008). Um percurso visual pelas tribos urbanas de Barcelona. In J. M. PAIS, C. CARVALHO & N. M. d. GUSMÃO (Eds.). *O Visual e o quotidiano* (pp. 87-113). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- FRASER, N. (1990). Rethinking the Public Sphere: A contribution to the critique of actually existing democracy. *Social Text* 25(26), 56-80.
- GOODHART, F. W., HSU, J., BAEK, J. H., COLEMAN, A. L., MARESCA, F. M., & MILLER, M. B. (2006). A view through a different lens: Photovoice as a tool for student advocacy. *Journal of American College Health*, 55(1), 53-56.
- GREENWOOD, D. J., & LEVIN, M. (2007). *Introduction to action research: social research for social change*. California: Sage Publications.
- HARPER, D. (1998). An argument for visual sociology. In J. PROSSER (Ed.), *Image-based Research: A Sourcebook for Qualitative Researchers* (pp. 24-41). Londres: Falmer Press.
- HARRISON, B. (2002). Seeing health and illness worlds – using visual methodologies in a sociology of health and illness: a methodological review. *Sociology of Health & Illness*, 24(6), 856-872.
- HERON, J. (1996). *Co-operative inquiry: research into the human condition*. Londres: Sage Publications.
- HODGETTS, D., CHAMBERLAIN, K., & RADLEY, A. (2007). Considering Photographs Never Taken During Photo-production Projects. *Qualitative Research in Psychology*, 4(4), 263-280.
- LORENZ, L. S. (2010). Visual metaphors of living with brain injury: exploring and communicating lived experience with an invisible injury. *Visual Studies*, 25(3), 210-223.
- LYKES, M. B., BLANCHE, M. T., & HAMBER, B. (2003). Narrating Survival and Change in Guatemala and South Africa: The Politics of Representation and a Liberatory Community Psychology. *American Journal of Community Psychology*, 31(1), 79-90.
- MACDOUGALL, D. (1997). The visual in anthropology. In M. BANKS & H. MORPHY (Eds.). *Rethinking Visual Anthropology* (pp. 276- 295). New Haven e Londres: Yale University Press.
- MCALLISTER, C. L., WILSON, P. C., GREEN, B. L., & BALDWIN, J. L. (2005). “Come and take a walk”: Listening to Early Head Start parents on school-readiness as a matter of child, family, and community health. *American Journal of Public Health*, 95(4), 617-625.

- MCINTYRE, A., & THUSI, T. (2003). Children and youth in Sierra Leone's peace-building process. *African Security Review*, 12(2), 73-80.
- MEIRINHO, D. (2013). *A fotografia participativa como ferramenta de reflexão identitária: estudo de caso com jovens em contextos de exclusão social no Brasil e em Portugal*. Tese de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- MINKLER, M. (1978). Ethical Issues in Community Organization. *Health Education & Behavior*, 5(2), 198-210.
- MOLLOY, J. K. (2007). Photovoice as a tool for social justice workers. *Journal of Progressive Human Services*, 18(2), 39-55.
- NOLAND, C. M. (2006). Auto-photography as research practice: Identity and self-esteem research. *Journal of Research Practice*, 2(1), 1-19.
- PALIBRODA, B., KRIEG, B., MURDOCK, L., & HAVELOCK, J. (2009). *A practical guide to photovoice: Sharing pictures, telling stories and changing communities*. Winnipeg: Prairie Women's Health Network.
- PINK, S. (2006). *The Future of Visual Anthropology: Engaging the Senses*. Londres e Nova York: Taylor & Francis.
- PRINS, E. (2010). Participatory photography: A tool for empowerment or surveillance? *Action Research*, 8(4), 426-443.
- PROSSER, J. (1998). *Image-based research: a sourcebook for qualitative researchers*. Londres: Falmer Press.
- PUNCH, K. F., & PUNCH, K. (1998). *Introduction to social research: quantitative and qualitative approaches*. Londres: SAGE Publications.
- RAMELLA, M., & OLMOS, G. (2005). *Participant Authored Audiovisual Stories (PAAS): Giving the camera away or giving the camera a way?* Paper presented at the Social Research Methods, Qualitative Series.
- REMILLARD, C. (2012). *Visual representations of homelessness in the canadian public sphere: an analysis of newspaper and photo voice images*. Tese de doutoramento, University of Calgary.
- RIBEIRO, J. (2005). Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. *Revista de Antropologia*, 48(2), 613-647.
- ROSE, G. (2001). *Visual Methodologies*. Londres: Sage.
- SARMENTO, M., TOMÁS, C., & SOARES, N. (2004). *Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças*. VI International Conference on Social Methodology. Recent Developments and Applications in Social Research Methodology. Recuperado de [[http://cedic.iec.uninbo.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/textos/InvestigacaoDaInfancia.pdf](http://cedic.iec.uninbo.pt/Textos_de_Trabalho/textos/InvestigacaoDaInfancia.pdf)].
- SAUVAGEOT, A. (1994). *Voirs et savoirs: Esquisse d'une sociologie du regard*. Paris: Presses universitaires de France.
- SICARD, M. (2006). *Fábrica do olhar – Imagens de ciência e aparelhos: de visão (século XV-XX)*. Lisboa: Edições 70.
- SPIELMAN, J. (2001). The Family Photography Project: 'We will just read what the pictures tell us'. *The Reading Teacher*, 54(8), 762-770.
- STRACK, R. W., MAGILL, C., & MCDONAGH, K. (2004). Engaging youth through photovoice. *Health Promotion Practice*, 5(1), 49-58.

- STRENG, J. M., RHODES, S. D., AYALA, G. X., ENG, E., ARCEO, R., & PHIPPS, S. (2004). Realidad Latina: Latino adolescents, their school, and a university use photovoice to examine and address the influence of immigration. *Journal of Interprofessional Care*, 18(4), 403-415.
- VAUGHAN, C. M. (2011). *A Picture of Health: Participation, Photovoice and Preventing HIV among Papua New Guinean Youth*. Tese de Doutoramento, London School of Economics and Political Science, Londres.
- WALLERSTEIN, N., & BERNSTEIN, E. (1988). Empowerment education: Freire's ideas adapted to health education. *Health Education Quarterly*, 15, 379-394.
- WANG, C. C. (1999). Photovoice: A participatory action research strategy applied to women's health. *Journal of Women's Health*, 8, 185- 192.
- WANG, C. C. (2006). Youth Participation in Photovoice as a Strategy for Community Change. *Journal of Community Practice*, 14(1-2), 147-161.
- WANG, C. C., & BURRIS, M. A. (1994). Empowerment through Photovoice: Portraits of Participation. *Health Education Quarterly*, 21(2), 171-186.
- WANG, C. C., & BURRIS, M. A. (1997). Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education and Behavior*, 24, 369-387.
- WANG, C. C., & PIES, C. A. (2004). Family, Maternal, and Child Health Through Photovoice. *Maternal and Child Health Journal*, 8(2), 95-102.
- WANG, C. C., & REDWOOD-JONES, Y. A. (2001). Photovoice ethics: Perspectives from Flint Photovoice. *Health Education and Behavior*, 28, 560-572.
- WANG, C. C., MORREL-SAMUELS, S., HUTCHINSON, P., BELL, L., & PESTRONK, R. M. (2004). Flint photovoice: Community building among youths, adults, and policymakers. *American Journal of Public Health*, 94(6), 911-913.
- WILSON, N., DASHO, S., MARTIN, A. C., WALLERSTEIN, N., WANG, C. C., & MINKLER, M. (2007). Engaging Young Adolescents in Social Action through Photovoice: The Youth Empowerment Strategies (YES!) Project. *Journal of Early Adolescence*, 27(2), 241-261.
- YOUNISS, J., & YATES, M. (1997). *Community Service and Social Responsibility in Youth*. Chicago: University of Chicago Press.